

**EU CREIO,  
NÓS CREMOS**



# PAPA FRANCISCO

em diálogo com Marco Pozza

## EU CREIO, NÓS CREMOS

Uma reflexão inédita  
sobre as raízes de nossa fé

**Tradução**  
**Tiago José Risi Leme**



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Io credo, noi crediamo. Una riflessione inedita sulle radici della nostra fede.*

© 2020 Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano

© 2020 Mondadori Libri S.p.A., Milano

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Capa e projeto gráfico: *Elisa Zuiheber*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Francisco, Papa, 1936-

Eu creio, nós cremos: uma reflexão inédita sobre as raízes de nossa fé / Papa Francisco, em diálogo com Marco Pozza; tradução de Tiago José Risi Leme. - São Paulo: Paulus, 2021.

ISBN 978-65-5562-226-3

Título original: *Io credo, noi crediamo*

1. Credo 2. Fé 3. Cristianismo 4. Amor de Cristo I. Título II. Pozza, Marco III. Leme, Tiago José Risi

CDD 242

21-0863

CDU 242

---

### Índice para catálogo sistemático:

1. Reflexões - Igreja Católica - Fé



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

**paulus.com.br/cadastro**

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-226-3



## A FÉ UNE

O que hoje chamamos de *Credo* – a fórmula da profissão de nossa fé, que repetimos durante as missas festivas e no momento de assumir determinadas funções eclesiais – costumava ser chamado, nos primeiros tempos do cristianismo, de *Símbolo da fé*. E se chamava *Símbolo* – que vem do grego e significa “unir”, “pôr junto” –, de um lado, porque “colocava junto”, num único texto, o conteúdo essencial da fé: Deus que é Pai de seu Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor (que se encarnou, morreu, ressuscitou e subiu ao céu por nós), sobre o qual derrama seu Espírito Santo Amor, terceira pessoa da Trindade; a Igreja, corpo de Cristo e morada do Espírito Santo, que nos une realmente ao Pai e ao Filho; a comunhão dos santos, o perdão, a ressurreição e a vida eterna.

De outro lado, porém, o *símbolo* não era somente a fórmula que sintetizava o conteúdo da fé, mas também a expressão da vida e da experiência que diferenciava os cristãos e os tornava uma coisa só. De fato, a fé no Senhor Jesus Cristo une sempre os homens, faz de nós seu corpo. Não cremos num Deus abstrato ou imaginário, fruto de nossas ideias ou teorias. Cremos no Deus Pai que Jesus nos fez encontrar e que é amor. E o amor é sempre unidade e conduz à unidade. Ao acolher o Espírito Santo, de fato, todos nós passamos a ser “um só pão e um só corpo, porque, mesmo sendo muitos, participamos todos do único pão” (1Cor 10,17).<sup>1</sup> Ter fé em Deus Pai significa acolher seu amor, estar unidos a Jesus Cristo, seu Filho, e entre nós. Ter fé quer dizer descobrir-nos amados e tornar-nos, pela força do Espírito Santo, por nossa vez, capazes de amar.

No entanto, infelizmente, usando como pretexto a fé, rejeita-se o outro e fomentam-se divisões; e isso é sinal de que muitas vezes não se trata de confiança certa no Senhor, mas simplesmente de nossas ideias e crenças, que – embora “envernizadas” com uma camada de cristianismo – não são fé autêntica. Contudo, ainda que essa fé “envernizada” possa ser muito convincente e até mesmo comunicada com grande sabedoria, no final acaba sendo reconhecida, pois sempre deixa o rastro da não autenticidade. De fato, não se torna apenas causa de conflitos – que, por si só, são uma coisa normal e, de certa forma, inclusive saudável –, mas de rejeição do outro e de fechamento para aqueles que a consideram diversamente.

---

<sup>1</sup> Citações bíblicas conforme a versão da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2014. (Nota do tradutor – N.T.)

A verdadeira fé no Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao contrário, consolida sempre a unidade, as relações, a comunhão entre os homens, realidade que certamente é muitas vezes difícil, mas que, pela força do Espírito Santo, também é sempre possível. A fé é exatamente relação de amor e amizade com nosso Deus, que é comunhão dos Três no amor e conosco. São João afirma, em sua primeira carta, que não se pode dizer que se ama a Deus, o qual não se vê, quando não se ama o irmão, o qual se vê (cf. 1Jo 4,20). De igual maneira, não podemos dizer que cremos em Deus porque acolhemos sua misericórdia gratuita, se não nos dispomos a nos acolher sinceramente uns aos outros, sobretudo quando nossas ideias ou visões são diferentes, inclusive antagônicas. A fé cristã não é um monólito, um “bloco de granito”; ao contrário, existem tantos modos legítimos – mutuamente enriquecedores – de viver e expressar nossa adesão a Jesus. Pensemos na riqueza de nossa Igreja, que, ao longo dos séculos, desenvolveu tantas espiritualidades, liturgias, teologias (as tradições do Oriente e do Ocidente). Recordemos, ainda, as grandes Ordens religiosas medievais: os dominicanos, os agostinianos, os franciscanos..., cujos respectivos mestres se desafiavam em disputas acadêmicas nas universidades, para demonstrar quem tinha razão, quem conhecia e sabia expressar melhor a verdade da fé. Talvez pensar hoje nessas disputas possa parecer engraçado; contudo, paradoxalmente, elas nos mostram que havia [entre eles] a consciência de que a fé é plural, pois Deus é sempre maior do que nós

e nenhuma palavra, nenhuma expressão, pode diminuir a grandeza de seu amor, tão verdadeiro e vital a ponto de fazer-se carne em Cristo, para fazer de nós todos, na concretude de nosso corpo, seus membros.

Certamente os cristãos são diversos, mas a fé é sempre uma, e única, pois o critério de sua verdade é a comunhão. Só o que pode ser reconhecido onde quer que seja, por todos e em qualquer tempo, é verdadeiramente de toda a Igreja.<sup>2</sup> E tudo o que não contradiz e não é incompatível com este tesouro comum que é a Tradição constitui, afinal, um enriquecimento para todos, um dom particular para a vida e o crescimento do corpo inteiro.

Com esse espírito, quis viver esta terceira entrevista com o padre Marco Pozza, depois daquelas sobre o Pai-nosso e a Ave-Maria. Não quis, porém, apresentar ponto por ponto o conteúdo de nossa fé. Prefери, ao contrário, partilhar o significado cotidiano, essencial, simples e profundo de sermos filhos de Deus – enviados à mesa do amor com a própria Trindade – e da amizade com os irmãos na fé e com toda a humanidade.

Quando recitamos o *Credo*, de fato, reconhecemos, sim, Deus em sua verdade, mas ao mesmo tempo falamos também de nós, confessamos o que o Senhor fez por cada um e por todos nós: quando professamos a fé, podemos descobrir

---

<sup>2</sup>“Id teneamus quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est” (Vicente de Lerins, *Commonitorium* I,2: Patrologia Latina J.P. Migne [doravante PL] 50, 640).



que somos olhados com amor e salvos, tirados de nosso isolamento e de nossa dispersão, e reconduzidos à unidade do corpo de Cristo na Mãe Igreja.

Teremos, então, um pouco de força e coragem a mais para viver como pessoas amadas e salvas: na misericórdia, na amizade, no serviço, e com um olhar privilegiado para quem está distante, marginalizado e excluído.

*Franciscus*





# PARTE I





Creio em Deus Pai todo-poderoso,

Criador do céu e da Terra.

E em Jesus Cristo,

seu único Filho, nosso Senhor,

que foi concebido pelo poder do Espírito Santo,

nascido da Virgem Maria,

padecido sob Pôncio Pilatos, foi crucificado,

morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos;

ressuscitou ao terceiro dia;

subiu aos céus, está sentado à direita

de Deus Pai, todo-poderoso,

donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo;

na Santa Igreja Católica;

na comunhão dos santos;

na remissão dos pecados;

na ressurreição da carne;

na vida eterna.

Amém.

A versão do *Credo* sobre a qual conversam o Papa Francisco e o padre Marco Pozza é o *Símbolo dos apóstolos*. Em relação ao *Credo niceno-constantinopolitano*, que se costuma recitar nas missas dominicais, o *Símbolo dos apóstolos* – utilizado principalmente nos domingos do tempo da Quaresma e do tempo da Páscoa – é mais antigo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No Missal Romano (tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil), não há nenhuma orientação quanto à escolha de um texto ou de outro a ser usado em determinado tempo litúrgico. Contudo, no Brasil, é costume recitar-se o *Símbolo dos apóstolos* no tempo comum e o *Credo niceno-constantinopolitano* em festas e solenidades. (N.T.)



## CREIO EM DEUS

*Papa Francisco, gostaria de lhe mostrar uma foto da qual gosto muito, tirada por meu pai há mais de trinta anos. Nela se encontram minha avó, minha mãe, meu irmão e eu. Minha avó havia nascido em 1920. Acreditava profundamente em Deus: lembro-me de que realizava todas as suas atividades, como preparar a terra e lavar a roupa, rezando o rosário. Minha mãe nasceu em 1946. Quando alcançou a maioridade, encontrou-se em plena contestação, quando, nas universidades e nas manifestações estudantis, jovens como ela gritavam e escreviam nas paredes: a fantasia no poder! Sua geração havia crescido sem Deus. Meu irmão e eu nascemos nos anos 80. Para nós e para nossa geração, propusera-se viver com uma pergunta: tem serventia crer em Deus? Num intervalo de cem anos,*